

**E LÁ NO  
FUNDO,  
O QUE É  
QUE TEM?**

**Laís Furtado**

# mão da mãe, mão do mar

por Laís Furtado



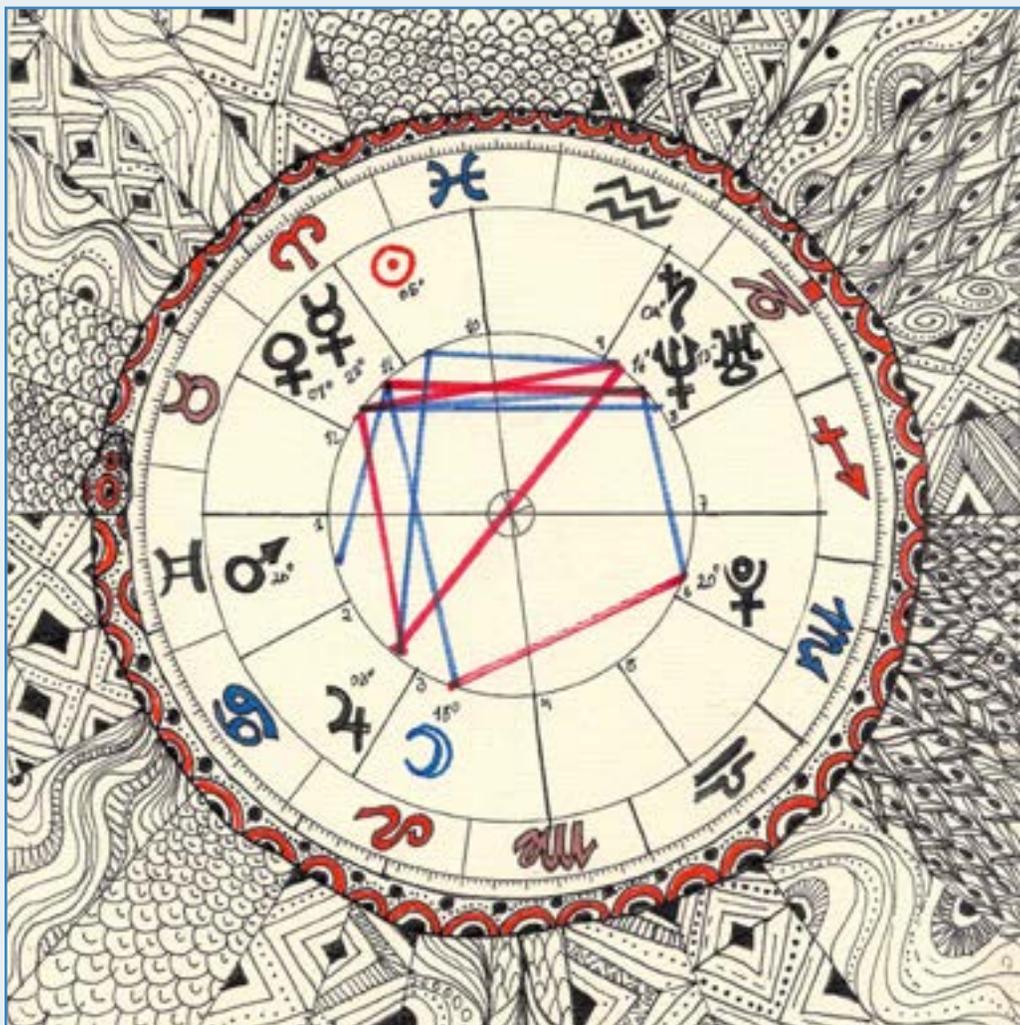
Na imagem, uma fotografia kirlian feita em 05 de setembro de 1997 das digitais de Angela e Laís, mãe e filha, na ocasião com 32 e 7 anos, respectivamente. Eu sou Laís, a filha, e hoje tenho 32 anos.

*um pé de quê cresce dentro de mim?  
vim do veio  
da madeira da floresta  
que nasce ou entranha  
no fundo do céu  
digital cósmica  
sulcos, veios, artérias  
família é como uma floresta  
raízes onde procuro o sentido e a razão*

*céu de dentro*  
*céu de chão*  
*fundo, buraco, umbigo*  
*todo buraco negro é um útero cósmico*  
*buraco negro do mistério de chegada*  
*útero mater*  
*cabaça útero lunar*  
*mão da mãe*  
*mão do mar*  
*a água conecta todas as coisas*  
*kalunga grande*  
*ventre do mundo*  
*fundo do céu*  
*é sustentação*  
*do firmamento*

Tenho me convidado a mergulhar nos meus próprios mares e fundos para entender que passos já foram dados antes e me fizeram estar hoje aqui de pé. **E lá no fundo, o que é que tem?** É a pergunta que nos arrebata. No fundo do mar, que é a kalunga grande, lugar sagrado de proteção, tem muita vida. Vida noturna, misteriosa, invisível aos nossos olhos. Vidas que sustentam a nossa existência. Tem também morte, afinal, o oceano é o maior cemitério do mundo.

O que primeiro me salta ao falar dessa kalunga, de fundão e fundo do mar é o que aparece quando olhamos para o espelho d'água: o fundo do céu. Na Astrologia, esse é um conceito que mora na encruzilhada do mapa natal e está situado na casa 4, o ponto mais ao sul do mapa, compondo um dos quatro eixos que forma a encruzilhada principal desse desenho. Conversam com ele o ascendente, ponto mais ao oeste, o descendente, ponto mais ao leste e o meio do céu, ponto extremo ao norte.



Mapa natal celeste de Laís Furtado criado por Felipe Zuniga, astrólogo e criador da Astrologia Primordial

Esse fundo do céu se relaciona com câncer e a lua, signo e planeta que estão ligados ao útero materno e à água ancestral e primordial. É nossa casa, nosso útero cósmico. Em iorubá, Ilê significa casa. Ilê, terra. E Ile-ile: útero. Sinto que antes de chegar nessa barriga, nesse útero, nós viemos direto de um buraco negro para cá. Mas não sem antes traçar e escolher esse destino que vamos percorrer com o ponto de partida marcado através do corpo-território desse portal que é a mãe. Lá no fundo está esse lugar que é a cabaça, a própria cabaça da existência. É o lugar onde os nossos segredos estão assentados. Existe um mistério e intimidade que devem ser honrados ali.

*o caminho da água não tem começo e nem fim  
o mar está em volta e dentro de você  
o mar é seu lar antes de você nascer e depois que você morre  
nossos corações batem no ventre do mundo  
nossa respiração arde nas sombras e nas profundezas  
o mar dá e o mar tira  
a água conecta todas as coisas  
da vida à morte  
da escuridão à luz*

**Avatar – O Caminho da Água**

O fundo do céu fala sobre o mundo anterior de onde viemos, é a casa da nossa ancestralidade e de como a alimentamos, já que somos com e através daqueles que vieram antes de nós. É onde encontramos nossa base de pertencimento, a dimensão interior. Ela é como as raízes de uma árvore, que formam redes de comunicação debaixo da terra. Não são coisas faladas, mas sentidas, absorvidas num ritmo muito próprio. As árvores são testemunhas do tempo. Então é sobre tudo aquilo que nos fornece base e nos dá chão.

Câncer é o signo que carrega a memória, que fala de amor incondicional, amor ancestral, amor ao destino. Mas no fundo do céu do meu mapa mora o signo de virgem, que é o signo solar da minha mãe. Carrego então um fundo do céu câncer-virginiano. Não à toa, quando me perguntam o que eu tenho em virgem, costumo responder que tenho a mãe. Virgem, signo de terra, é a própria floresta. É onde encontro meu fundamento. E uma árvore nos ensina que sua copa reflete o desenho das raízes que a alicerçam: o que está em cima é como o que está embaixo, assim na terra como no céu. Uma placenta é uma árvore, a árvore da vida, e ao mesmo tempo casa d'água, cabaça-útero-lunar.

Assim, esse fundo do céu é o que sustenta o alto, o meio do céu, o sol de meio dia, nossos sonhos, nossa copa da árvore, onde mora o nosso inconsciente coletivo, nosso propósito em vida. Precisamos saber de onde viemos para entender para onde vamos.

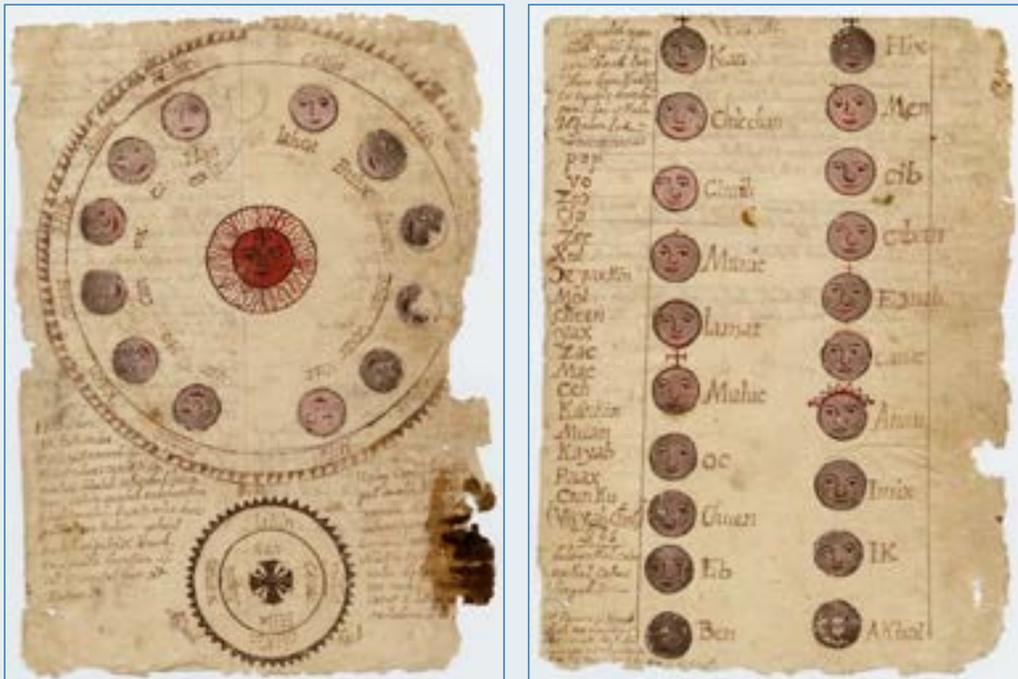


Árvore da vida feita com tinta guache sobre placenta

A magia da lua é quem nos conta sobre a ancestralidade e o mistério do feminino que recebemos das nossas mais velhas. Nós já estávamos na barriga da nossa mãe, da nossa avó, da nossa bisavó. Nossos passos vêm de longe, do fundo do mar.

Ela traz consigo o caminho da curandeira. Atua sobre o poder do tempo, do destino e dos ciclos da vida que provêm das águas do fluxo universal. Suas fases fazem dançar as marés, dão de comer às plantas e florescem as ervas coroadas pelo ciclo de vida, morte, vida das folhas, raízes, sementes e flores.

Mas lá no fundo, tudo começa com a nossa relação com o Fundão, na Ilha do Fundão, Rio de Janeiro. Lugar onde Angela foi criada pela maior parte da sua vida. Dali, ela e sua família migram para a Ilha do Governador, onde eu nasci e fui criada pela maior parte da minha vida. A água do mar nos une também na matéria. Os rios fluem para buscar a mão do mar. E as filhas, para buscar a mão da mãe.



Referências da lua a partir do calendário maia

*eu vim de lá pra lhe contar  
de onde vem você e onde isso vai dar  
eu tenho uma prenda pra lhe dar  
minha kékeré, venha cá brincar  
a seta vem de longe e sempre acerta no horizonte  
deixo a porta aberta pra você entrar  
faísca no escuro, sonhe alto, jogue duro  
é você quem cria seu mundo!  
ancestral, maternal, infinito*

**Xenia França**



“A Ilha do Fundão era um lugar repleto de vegetação que foi desflorestada pela subida de grandes prédios da UFRJ e da Petrobrás. A variedade de pássaros era enorme e tinha muitos sabiás e maritacas. Tinham bosques de eucaliptos, que já não existem mais, onde hoje é a Escola de Química.

Vivíamos em pequenas aldeias. Na nossa casa de madeira, o telhado era de amianto e se não tivesse papel ou jornal molhado para encaixar no vão, o pardal entrava pela fresta. Eu assistia à procissão de São Pedro, via os pescadores que passavam no Canal do Cunha, que já não é mais navegável, na rota para Magé. Lá tinha a Praia das Cabras, onde seu João das Cabras cuidava delas. Ele veio a ser um dos primeiros porteiros da Reitoria. A Ilha do Catalão agora é uma reserva de criação de papagaio e as pessoas que moravam ali já não estão mais lá. Também vinha muita gente de fora. As Ilhas do Fundão e do Governador eram praticamente pontos turísticos, eram muito visitados, as pessoas vinham para a praia ou passar férias.

Eu estudava na Ilha do Bom Jesus. Meu pai me levava a pé para a escola todo dia e, no caminho, a gente passava por pequenos arbustos de pitanga. Essas frutas silvestres, conheço todas. Com o orvalho da manhã, a grama amanhecia molhada e eu lembro que ia me distraíndo porque tocava em todas as dormideiras. Ela dá uma florzinha rosa. Eu cantava “dorme, dorme dormideira, para acordar segunda-feira”.

Tinha muita joaninha, vagalume, que eu guardava dentro do vidro. Sapo, perereca, cobra... A gente precisava pedir ajuda no quintal para elas não invadirem a casa. Na beira do mangue, em determinado momento do dia, dava para ver que cada furinho na lama era uma casinha de caranguejo. Quando a gente queria pescar, ia para o Bom Jesus, na casa da minha prima, e esperava passar a tempestade. Depois ia com a rede e nem precisava entrar no mar, era só colocar a rede na beira da água que dava para catar os mariscos.

Hoje quase não existe jornal. Os pássaros reduziram muito, migraram ou foram extintos. Hoje você não vê marisco, conchinha como antigamente. Assim dá para entender um pouco sobre a extinção das espécies. Sem contar o estado da Baía de Guanabara... Todos os lugares que já frequentei com seu pai já não existem mais: o quiosque onde nos conhecemos, a árvore onde escrevemos nossas iniciais. Hoje o que existe é uma iniciativa de reflorestamento através do horto criado por um projeto da Prefeitura. Lá dentro desse horto tem um pé de jambo plantado pelo meu pai e minha família comia muitos frutos dessa árvore."



Agradeço e dedico esta partilha, em primeiro lugar, àquela que me trouxe para este mundo: Angela Cristina.

Agradeço aos meus avós, Georgina e Adilson, mãe e pai desta mãe e grandes amores da minha vida.

Agradeço a todas as vidas que vieram antes dessas e que permitiram a minha existência.

Por fim, agradeço ao meu companheiro de ver o mundo com os olhos do amor, Felipe Zuniga, que apoiou e colaborou com os andamentos desta criação em todos os passos.

